

DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO LÉXICO DO ATLAS DO AMAZONAS E DO ATLAS DA REGIÃO SUL DO BRASIL

Ariela Soraya do Nascimento SIQUEIRA
(Universidade Federal do Amazonas)
ariela.banhos@hotmail.com

Mayara Letícia Paiva MAGALHÃES
(Universidade Federal do Amazonas)
may_leticia@hotmail.com

Sandra Maria Godinho GONÇALVES
(Universidade Federal do Amazonas)
smgg396@hotmail.com

RESUMO: Este artigo propõe uma comparação entre os campos semânticos do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), analisando as lexias diferentes para um mesmo referente nos atlas e apresentando um estudo etimológico dos léxicos mais contrastantes. Será realizada a descrição dos atlas, fazendo uso de critérios da sociolinguística. A metodologia utilizada consiste em pesquisa bibliográfica, utilizando publicações acerca do tema abordado. O trabalho retrata um breve histórico da Dialetoлогия e da Sociolinguística. Conclui-se que a língua é heterogênea, apresentando variantes que são condicionadas por fatores de natureza social, regional ou de estilo.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas linguístico; geolinguística; dialetoлогия; sociolinguística; léxico.

ABSTRACT: *This paper proposes a comparison between the semantic fields of the Linguistic Atlas of Amazonas (ALAM) and the Linguistic Atlas-Ethnographic of the Southern Region (ALERS), analyzing the different lexis for the same referent in both atlas and presenting an etymological study of the more contrasting lexicons. A description of both atlas will be carried out, making use of the criteria of sociolinguistics. The methodology consists in scientific literature, using publications about the topic covered. The work depicts a brief history of Dialectology and Sociolinguistics. We conclude that the language is*

heterogeneous, with variants which are conditioned by social, regional or style factors.

KEYWORDS: *Linguistic atlas; geolinguistic; dialetology; sociolinguistic; lexicon.*

0. Introdução

A preocupação com o conhecimento das variedades regionais de uma determinada língua natural data de longo tempo. Todavia, foi somente com a instituição da disciplina de dialetologia no currículo regular da *École Pratique des Hautes Études* de Paris e do surgimento do Atlas Linguístico da França, expondo a realidade dialetal do país, que foram fixadas as bases da geolinguística como método essencial para a pesquisa dos dialetos de uma língua.

O novo método registrava em mapas especiais um número relativamente elevado de formas linguísticas, fossem elas fônicas, lexicais ou gramaticais, comprovadas mediante pesquisa direta e unitária, "numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados" (BRANDÃO, 1991: 12), de forma que se tentava assim adquirir um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e os possíveis fatores que determinam sua evolução. É dentro do ensejo de conhecer melhor os mecanismos da língua portuguesa do Brasil que esse artigo foi concebido.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é comparar os campos semântico-lexicais do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), que teve por base para a realização da pesquisa nove localidades, a saber: Barcelos, Tefé, Lábrea, Humaitá, Itacoatiara, Parintins, Benjamin Constant, Eirunepé e Manacapuru, e os do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), que teve por base para a realização da pesquisa os três estados da região Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada para a elaboração do artigo consiste em pesquisa científica bibliográfica, utilizando publicações regionais e nacionais acerca do tema abordado.

O trabalho apresenta primeiramente uma fundamentação teórica, na qual abordamos historicamente, de maneira breve, a Dialetoлогия e a Sociolinguística. Também analisamos o papel do léxico nas línguas naturais, o qual se apropria do real simbolicamente e conecta o exterior ao interior do sujeito, categorizando cognitivamente a experiência

vivenciada dos sujeitos. Em seguida, procedemos à descrição dos atlas, informando o número de localidades, de informantes e de inquiridos, e o uso realizado pelos critérios da sociolinguística como faixa etária, nível de escolaridade e gênero. Por fim, realizamos a comparação dos campos semântico-lexicais para analisar as lexias com significados próximos, bem como as lexias diferentes para um mesmo referente, apresentando um estudo etimológico dos léxicos mais contrastantes.

1. Fundamentação teórica

1.1 O trabalho dialetal

A língua é considerada por muitos como homogênea e observamos que há uma "tendência para a uniformização da língua falada que se processa através da aceitação das normas, provenientes dos usos consagrados pelas comunidades" (PRETI, 1974: 49). Entretanto, sabemos que a língua é heterogênea e apresenta um dinamismo que lhe é próprio. Isso equivale a dizer que "nenhuma língua, pois, é unificada, uma vez que inexistente o que se poderia designar 'monobloco linguístico'" (SILVA, 2003).

Assim, a língua apresenta variantes, formas alternativas para determinado fenômeno linguístico. Essas variantes, por sua vez, são condicionadas por fatores de natureza social, regional ou de estilo, conhecidas por variantes diastráticas, diatópicas ou diafásicas, que constituem subsistemas dotados de relativa homogeneidade interna, garantida pelo conjunto dos traços linguísticos neles coincidentes. Segundo Silva (2003), desses traços coincidentes, encontramos unidades ditas sintópicas (os dialetos, tais como o nordestino, o gaúcho), sinstráticas (os estratos sociais, tipo linguagem culta, popular) e sinfásicas (o estilo de língua: formal, familiar, literário). Faz-se necessário observar que cada unidade sintópica (dialeto de uma região) pode conter diferenças diastráticas (socioculturais) e diferenças diafásicas (de estilo); cada unidade diastrática pode conter diferenças diatópicas e diafásicas; cada unidade sinfásica (na linguagem familiar) pode apresentar diferenças diatópicas e diastráticas.

A ciência que estuda, sobretudo, a diversidade diastrática é a sociolinguística. É uma ciência que tem como objeto de estudo a variação, que passa a ser descrita e analisada cientificamente dentro de critérios que envolvem fatores sociais como o sexo, a idade, a classe social, entre outros. Como afirma Mollica (2010: 11), cabe à

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialetoлогия e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

sociolinguística:

investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

A sociolinguística surgiu em 1964, em uma conferência que reuniu 25 pesquisadores em Los Angeles, por iniciativa de William Bright, encarregado da publicação das atas e que definiu a sociolinguística "como uma ciência que mostra que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas" (CALVET, 2002: 21), atraindo a atenção para a necessidade de estudos mais aprofundados entre a sociedade e a linguagem.

Cabe destacar que a sociolinguística e a dialetologia são ciências diferentes, não havendo, porém, consenso acerca de seus campos de atuação. Como afirma Silva (2003):

para fins de organização de tarefas, tem-se por desejável que os fatos recolhidos de diferenças horizontais, regionais, estariam afeitos à Dialetoлогия, enquanto os verticais, sociais, seriam do interesse da Sociolinguística. Dizendo doutra forma: a Dialetoлогия tem por centro de interesse o estudo das unidades sintópicas e, sobretudo, as diversidades diatópicas, enquanto à Sociolinguística caberia o estudo das unidades sinstráticas e diastráticas, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica.

Blanch (1978), por sua vez, contraria as equações: dialetologia = linguística diatópica; sociolinguística = linguística diastrática. Segundo Blanch (1978: 42):

(...) Se a Dialetoлогия tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal quanto do vertical. (...) O fato de a Dialetoлогия ter dedicado o melhor do seu esforço para o estudo de falas regionais, especialmente rurais, não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória.

Assim, o autor mostra também que apesar da dialetologia, ciência que brotou no final do século XIX, ter demonstrado e demonstrar até hoje seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, ela também interessa à variedade urbana, podendo-se então falar em uma dialetologia rural e uma dialetologia urbana.

Modernamente podemos considerar o dialeto um conjunto de

isoglossas, que são linhas que unem pontos de mesma particularidade linguística (fonética, morfológica, sintática ou léxica). As isoglossas delineiam contrastes e apontam semelhanças linguísticas socioculturais, no caso da isoglossa diastrática ou, ainda, configuram diferenças de estilo, no caso da isoglossa diafásica. Dessa forma, a concepção de dialeto, segundo Ferreira e Cardoso (1994: 16) é a de "dialeto como feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras". As autoras mostram que é a natureza dos fatos linguísticos analisados que sugere o tipo de isoglossa a ser estabelecida. Assim sendo, serão traçadas isoléxicas, isofônicas, isomorfas ou isoglossas sintáticas, segundo o centro de interesse, seja ele, respectivamente, lexical, fonético, morfológico ou sintático.

Como exemplos de isoglossas, temos em Ferreira e Cardoso (1994) as seguintes exemplificações: a) isoléxica – aquela que aponta semelhança designativa de grande parte do falar baiano, excluindo o Sul; b) isofônica - representada ainda com base no falar baiano, ao se selecionarem algumas respostas para "o que é estrela cadente" com 3 ocorrências: zelação, velação e exalação; c) isomorfa (as formas cantemo, falemo, busquemo, em que a VT se concretiza [e], alternando com [a] de cantamos, falamos, buscamos); d) sintática – estruturas proclíticas em vez de enclíticas: me dê um cigarro (preferencial no Brasil)/ dê-me um cigarro (preferencial em Portugal).

O trabalho dialetal engloba as seguintes fases: primeiramente, ocorre a preparação da pesquisa, momento esse em que são definidos as localidades, o perfil dos informantes e o método de investigação teoricamente pertinente à pesquisa. Em seguida, há a execução dos inquéritos, podendo ser realizados *in loco* ou por correspondência. Após essa fase, é realizada a exegese e análise dos materiais recolhidos. Por fim, ocorre a divulgação dos resultados. Os trabalhos de dialectologia podem ser de duas naturezas: trabalhos de análise, com a apresentação de resultados conclusivos (estudos de caráter monográfico) e trabalhos de descrição de realidades dialetais que posteriormente se tornam instrumentos de análises para conclusões sobre a realidade linguística em foco (atlas linguísticos).

1.2 A geografia lingüística

O estudo sistemático das variações de natureza geográfica formalizou-se no século XIX, época em que as investigações no campo da linguagem se desenvolviam por meio de métodos histórico-comparativos. Os estudos comparativistas visavam inicialmente reconstituir a protolíngua do indo-europeu. Por meio desses estudos, foi surgindo o interesse também em analisar os dialetos, considerados, então, como fontes de conhecimento do modo como se teriam operado as transformações em fases anteriores as línguas.

No final do século XIX, merece destaque o grupo dos neogramáticos que tinham o princípio de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas, que não admitiam exceções. Suas teorias geraram polêmicas em países como a Alemanha, a Itália e a França, e motivaram pesquisas dialetais que acabaram por refutar em grande parte essas teorias.

Dentre os países citados, foi na França que a Dialectologia teve maior destaque. No ano de 1881, passou a fazer parte do currículo regular da École Pratique des Hautes Études, de Paris. Ganham impulso os estudos dialetológicos pelo ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares) e pela evolução histórica das formas linguísticas. No ano de 1888, Gaston Paris, em uma conferência intitulada "Os falares da França", acentuava a necessidade de se estudarem os *patois* franceses, que estavam em via de descaracterização pelo acelerado processo de nivelamento cultural. Chamava a atenção também para o fato de que as descrições dialetais deveriam ser realizadas com o rigor exigido pelas ciências naturais, obedecendo, assim, a uma metodologia bem definida. Exemplificava, neste ponto, o trabalho de Jules Gilliéron, que passou a ser considerado o fundador da geografia linguística como método de investigação científica. Gilliéron iniciou, com o apoio de Gaston Paris, os preparativos para a elaboração do Atlas Linguístico da França – ALF, uma obra monumental que viria a constituir um marco dos estudos dialetológicos e muito contribuiria para o progresso da ciência da linguagem.

Segundo Coseriu (1982: 79), a geografia linguística pode ser designada hoje como:

O método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado

território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Aos poucos, o método dialetológico foi sendo aperfeiçoado e os atlas passaram a retratar peculiaridades etnográficas e, modernamente, variações diastráticas, sobretudo porque os interesses da dialetologia voltaram-se também para a fala dos grandes centros urbanos. A geografia linguística constitui-se em um dos mais significativos métodos de registro e de análise da diversidade linguística, principalmente na Europa e nas Américas, o que pode ser comprovado pelos inúmeros atlas linguísticos regionais e nacionais já publicados, e também pelos diferentes e inovadores projetos em curso que abrangem determinados domínios linguísticos, como o *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), ou um conjunto de países, como o *Atlas Linguarum Europae* (ALE). Por meio, às vezes, do trabalho de equipes plurinacionais, a geografia linguística vem sendo enriquecida com avanços técnicos e com novas tendências metodológicas.

No Brasil, o pioneiro na aplicação da geografia linguística foi Nelson Rossi, pois se colocou entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetais. Seu trabalho pioneiro corresponde à elaboração do Atlas Linguístico da Bahia que veio a se chamar Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), publicado em 1963, primeiro volume e o segundo volume, em 1965. Ao APFB dá continuidade o Atlas Linguístico de Sergipe e a esses se seguem trabalhos de aprofundamento de tópicos específicos.

Após fazermos um breve histórico do surgimento da geolinguística, passemos a alguns aspectos de seu método. Com o rigor da técnica, a linha de pesquisa interpretativa no trabalho dialetológico é prioritária, pois pode abranger, por meio de diferentes metodologias, vários níveis linguísticos, como o fonológico, o etimológico (lexical), o morfológico, o sintático, o semântico. Na prática, dois níveis têm sido majoritários: o fonético-fonológico e o lexical.

No campo do léxico, que corresponde ao proposto neste artigo, dois procedimentos podem ser distinguidos: o onomasiológico (registro de nomes diferentes para um mesmo referente numa determinada área) e o semasiológico (registro de diferentes conceitos vinculados a um mesmo étimo numa determinada área). A esses dois procedimentos, pode-se somar o motivacional, que consiste em agrupar as palavras por

sua "motivação", ou seja, pelo significado das formas linguísticas pré-existentes que foram aproveitadas para criar uma determinada palavra.

Segundo Alvar (1995), a geografia linguística tem, como um de seus fundamentos, abarcar superfícies territoriais que, por sua extensão permitam a diferenciação espacial da língua, e que a geolinguística caracteriza-se pela aparição dos atlas de pequeno domínio, em relação aos que abarcam territórios muito maiores. Algumas características desses atlas seriam: propiciar uma densidade maior de inquéritos e, assim, um melhor conhecimento da diversidade; ter maior precisão nos dados registrados e, dessa forma, superar certas deficiências dos grandes atlas, analisando mais detalhadamente realidades culturais apenas entrevistas em atlas concernentes a vastos territórios. Nesse tipo de atlas não se busca quantidade de informação, mas sim qualidade. No artigo corrente trataremos de dois atlas de pequeno domínio, o Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM e o Atlas Linguístico-Etnográfico da região sul do Brasil - ALERS, com o intuito de fazer uma comparação lexical entre eles.

1.3 O léxico

A língua, segundo Preti (1975), funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É ela que nos faz ver o que ainda não existe e é ela que nos traz o que era desaparecido, ou seja, é através dela que a realidade e as imagens se transformam em signos. É ela que representa a forma maior da condição humana que é a faculdade de representar e de simbolizar, fazendo-nos compreender o signo como representante do real. A língua tem, assim, a função de instrumento de memória discursiva e de transmissão das experiências históricas de um indivíduo ou de um povo. É por meio da língua que um indivíduo (e também uma comunidade) se significa. Portanto, ao fazer o uso da língua e identificar semelhanças ou discriminar os traços distintivos (que individualizam o indivíduo em entidades diferentes) o homem nomeia. Esse processo de nomeação gerou o léxico das línguas naturais. Mas o que vem a ser o léxico?

Há diversas denominações para o léxico: unidade lexical, signo linguístico, lexema, lexia, palavra, item lexical e vocabulário, para citar alguns. A noção de signo linguístico foi criada por Ferdinand de Saussure, linguista genebrino, considerado "o pai da linguística" estruturalista. Para esse linguista, signo se refere à relação que há entre o 'nome dado às coisas existentes' e 'a coisa em si' e é composto de

duas partes: significante e significado. O significante é a impressão acústica e o significado corresponde ao objeto propriamente dito. Também segundo Saussure, o signo linguístico pertence a uma estrutura formada por dois eixos, paradigmático e sintagmático, implicando em dizer que toda unidade lexical tem um componente semântico e outro sintático. Para Dubois (2006: 364), "o léxico corresponde ao conjunto de unidades que formam a língua de uma comunidade, sendo o termo léxico reservado à língua e o termo vocabulário reservado ao discurso".

Correa (1980: 47) faz outra distinção, "léxico seria o conjunto de lexias efetivas e virtuais (realizáveis) que constituem o universo léxico e vocabulário seria o conjunto de unidades lexicais já realizadas, ou lexias efetivas". Biderman (2001), diz que o vocabulário fica restrito ao discurso e que a palavra, além de ser uma entidade abstrata que compõe o sistema linguístico é, também, um elemento permanente da língua. Sendo assim, ela adota o termo lexema para "designar a unidade abstrata em língua" (BIDERMAN, 2001: 169) e a forma que aparece em discurso recebe o nome de lexia (unidade lexical memorizada e disponível para atualização). Biderman ainda divide o léxico português em duas classes de lexemas: aquele de formas livres (substantivos, adjetivos e verbos), que representam o universo extralinguístico, nomeando coisas, as qualidades, processos etc; e aquele chamado de vocábulos-morfemas, ou formas dependentes (preposições, pronomes pessoais, artigos e conjunções), que funcionam apenas dentro do sistema linguístico. Já para o estruturalista Bernard Pottier, a denominação de lexia equivaleria à denominação de lexema de Biderman.

Portanto, o léxico das línguas naturais cumpre dois papéis fundamentais: apropriar-se do real simbolicamente, conectando o exterior ao interior do sujeito e categorizar cognitivamente a experiência vivenciada em lexemas. Esse preceito condiz com a teoria de Sapir-Whorf, surgida na década de 50/60, que diz que "todo o sistema linguístico manifesta tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e dessa cultura com que ela se subjugua" (BIDERMAN, 2001: 109), ou seja, cada língua traduz a realidade de acordo com a cultura e o modelo que lhe são próprios.

Ainda de acordo com Whorf, a própria percepção que o homem tem da realidade é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele fala, "pois as categorias existentes nessa língua o predispõem para certas escolhas de interpretação do real" (BIDERMAN, 2001: 110). O mundo

se apresenta como impressões, que tem que ser organizadas por nossas mentes, ou seja, é pela palavra (nomeação) que o homem exerce sua capacidade de abstrair e generalizar o subjetivo através de sua percepção e de sua experiência com o mundo, experiência essa armazenada na memória em forma verbal e em redes semânticas. Essas categorizações lexicais acima descritas não se cristalizam no tempo. A mente humana sempre reajusta sua estrutura léxica, de acordo com as novas conotações do significado que vão sendo continuamente introduzidas no léxico de uma língua e que apontam para novas categorizações. As categorias léxicas, conforme dito acima, são específicas de cada língua e variam de língua para língua e de lugar para lugar segundo variações diastráticas, diafásicas e diatópicas. De modo que, os falantes adquirem variedades linguísticas próprias à sua região, à sua classe social, ao seu gênero, à sua idade, entre outros. Segundo a concepção de signo de Bernard Pottier, a lexia tem os seguintes constituintes: Se, Si e Sa, conforme explicação a seguir:

lexia = signo =	Se	Si
	As	

A "substância do significado de um signo (Se) é constituída por um conjunto de traços distintivos de significação. Ao nível do signo mínimo, ou morfema, o conjunto (Se) é chamado semema e cada traço é um sema" (POTTIER, 1978: 29). Em outras palavras, o sema vem a ser a unidade mínima de significação, um traço semântico que individualiza um signo (lexia) e a significação vem a ser o semema, a unidade lexical composta de um feixe de traços semânticos. Toda lexia pertence a um conjunto em funcionamento também chamado de taxema de experiência. Segundo Correa, "um taxema de experiência é constituído de uma série de signos cujos sememas têm um certo número de semas em comum, em uma situação sociocultural dada" (CORREA, 2012: 5). Um grupo de taxemas lexicais forma um ou vários domínios de experiência, ligados à cultura de uma comunidade de fala.

2. Descrição do atlas linguístico do Amazonas (ALAM) e do atlas linguístico-etnográfico da região sul (ALERS)

2.1 Atlas Linguístico do Amazonas

A elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) foi iniciada

em 2001, sendo apresentado em 2004 como tese de doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pela professora Maria Luiza de Carvalho Cruz no curso de pós-graduação em Letras Vernáculas na Área de Língua Portuguesa. A localidade escolhida foi o Estado do Amazonas devido à precariedade de estudos sobre a variação linguística nessa região, a carência de dados históricos sobre os nove municípios propostos pela pesquisadora e a ausência de materiais acerca dos falares, usos e costumes do povo ribeirinho. Barcelos, Tefé, Lábrea, Humaitá, Itacoatiara e Parintins foram pontos de inquérito sugeridos por Nascentes (1958) e Benjamin Constant foi sugerido pelo projeto do Atlas Linguístico do Brasil (AliB). Eirunepé e Manacapuru foram incorporados pela autora devido sua significativa representatividade econômica-cultural.

Assim, a pesquisa contemplou as nove microrregiões do Estado do Amazonas: Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (Microrregião do Juruá-Solimões-Juruá), Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Humaitá (Microrregião do Madeira), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas) e Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas). Como fundamentação teórica, a pesquisa baseou-se no método científico da Geolinguística apoiando-se na Sociolinguística e contemplando as variáveis gênero e faixa etária.

A pesquisadora aplicou o inquérito com 483 questões, sendo 156 referentes ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e 327 ao Questionário-Semântico-Lexical (QSL). Esses estudos de comparação interdialetoal constituem-se de perguntas de campos semânticos específicos da região e de outras questões comuns a outros atlas publicados. Foram selecionados 54 informantes, seis por localidade e três diferentes faixas etárias:

Faixa 01 – 18 a 35 anos

Faixa 02 – 36 a 55 anos

Faixa 03 – 56 anos em diante

Os inquéritos foram feitos *in loco* pela própria pesquisadora, no período de três meses e meio, de Janeiro a meados de Abril de 2001. Em cada município foi preenchida uma ficha, contendo os dados da localidade e de cada informante. A seleção dos informantes obedeceu aos seguintes critérios:

- serem analfabetos ou terem cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental;

- serem naturais das localidades selecionadas e terem, preferencialmente, pais e cônjuges da região em estudo;
- não se terem afastado da localidade por mais de um terço de suas vidas;
- apresentarem boas condições de fonação.

Das 483 questões dos questionários fonético-fonológicos e semântico-lexicais foram elaboradas 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. As cartas semântico-lexicais foram divididas em:

I – Meio físico

A) A terra e os rios

B) Fenômenos atmosféricos (astros, climas, etc.)

II – Meio Biótico

A) Fauna

a) Aves

b) Peixes, répteis, quelônios e mamíferos

B) Flora

a) Aquática

b) Terrestre

III – Meio antrópico

A) Homem

a) Características físicas

b) Relações familiares (parentesco)

c) Alimentação e saúde (medicina caseira)

d) Habitação (estrutura, mobília, utensílios domésticos)

e) Vestuário e calçados

f) Crenças, superstições e lendas

g) Relações sociais

i) Ciclos de vida

ii) Vida social

- Brinquedos e jogos infantis

- Festas e atividades esportivas

h) Expressões populares

B) Atividades de produção

a) Agricultura

i) A roça

ii) O cultivo da juta

iii) O cultivo da mandioca

iv) Caça e pesa

C) Meios de transporte fluvial

2.2 Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul

Para a confecção do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), houve a cooperação entre as três equipes do projeto (RS, SC e PR) constituídas por pesquisadores das três universidades federais, do Paraná (UFPR), do Rio Grande do Sul (UFRGS) e de Santa Catarina (UFSC), sob a coordenação geral a cargo de Walter Koch e, a partir de 2000, de Cléo V. Altenhofen. Foram feitas entrevistas em 275 localidades rurais e complementadas com levantamentos em 19 centros urbanos no período de 1989 a 1992.

O projeto ALERS desdobra-se em: a) grupos de pesquisa (cadastrados no CNPq); b) banco de dados ALERS; e, c) atlas linguístico. Desse projeto foram gerados dois volumes, o primeiro publicado em 2002, composto por introdução e cartas fonéticas e morfossintáticas e, o segundo, com as cartas semântico-lexicais, sendo publicado em 2011. No volume dois, o questionário semântico-lexical engloba 644 itens (lemas), muitos dos quais se desdobram em mais de uma pergunta. Desse total, foram selecionados 374 mapas para a publicação. Cada mapa vem acompanhado do respectivo quadro de variantes, o qual detalha a realização fonética de cada variante levantada, além de classificar essas variantes em "tipos", conforme o objetivo da análise. Para efeito de nossa análise será considerado apenas o volume dois correspondente às cartas semântico-lexicais.

A coleta e transcrição dos dados adicionados às gravações de conversas livres resultaram em um banco de 300.000 dados linguísticos dos 275 pontos de inquéritos rurais. Do total de pontos de inquérito, 100 foram no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul. Priorizou-se a fala da população menos escolarizada (analfabeto ou 1ª a 4ª série). A isso somam-se levantamentos da variação diastrática (informantes de escolaridade mínima, média e 2º grau completo), em 19 centros urbanos, sendo 6 pontos no Paraná, 6 em Santa Catarina e 7 no Rio Grande do Sul. Apesar de seguir, mesmo de forma não restrita, a tradição de um único informante por ponto (em muitos casos também um casal de informantes) – investigando o idioleto como unidade de análise válida –, além disso, inquirindo primordialmente informantes do sexo masculino e de faixa etária entre 35 e 65 anos, pode-se considerar um conjunto de no mínimo 275 informantes representativos do português falado na região sul do Brasil. Assim, o ALERS apresenta um atlas linguístico com as mais significativas variantes diatópicas representantes do português rural falado pela classe menos privilegiada

dessa região.

As cartas semântico-lexicais foram divididas em:

- A) Acidentes Geográficos
- B) Fenômenos Atmosféricos
- C) Astros e Tempo
- D) Sistemas e Pesos e medidas
- E) Flora
- F) Atividades Agropastoris
- G) Fauna
- H) Corpo Humano
- I) Cultura e convívio
- J) Ciclos da vida
- K) Religião e crenças
- L) Festas e divertimentos
- N) Habitação
- N) Alimentação e cozinha
- O) Vestuário

3. Análise comparativa do léxico do ALAM e do ALERS

Analisando os atlas linguísticos deparamo-nos com campos semânticos coincidentes, tais como: a terra e os rios/acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; características físicas/corpo humano; relações familiares/ciclos da vida; alimentação e saúde/alimentação e cozinha; habitação, vestuário e calçados/vestuário; crenças, superstições e lendas/religião e crenças; relações sociais/ciclos da vida; brinquedos e jogos infantis/festas e divertimentos.

Dentre esses campos, há lexias cujo significado não é tão contrastante, como podemos observar no campo semântico fenômenos atmosféricos que apresenta no ALAM a lexia *chuvisco* (carta 10) e no ALERS a lexia *garoa* (carta 28) para o mesmo referente *garoa*. O mesmo ocorre no campo semântico características físicas/corpo humano, em que para o significado *perнета*, há no ALAM a lexia *aleijado* (carta 35) e no ALERS a lexia *perнета* (carta 209).

Para fins didáticos, representaremos com barras sempre que houver terminologias diferentes relacionadas ao campo semântico e ao referente de ambos os atlas. Assim, ao escrever *características físicas/corpo humano*, subentende-se que no ALAM esse campo semântico aparece como *características físicas* e no ALERS como *corpo humano*. O mesmo ocorre com o referente *cataraca/meleca*, em que

cataraca é o referente no ALAM e *meleca* no ALERS.

Entre os campos mencionados anteriormente observamos também aqueles que apresentam diferenças marcantes entre as lexias para um mesmo referente. Além de realizarmos a comparação lexical entre os referentes dos campos semânticos mais divergentes, propomos uma análise etimológica das lexias encontradas em ambos os atlas. No apêndice do artigo é apresentado um quadro comparativo entre o léxico do ALAM e do ALERS abrangendo todos os campos semânticos coincidentes com suas respectivas lexias.

Para o campo semântico características físicas/corpo humano, temos o referente *rótula* com a lexia *rótula* (carta 24) no ALAM e a lexia *pataca* (*do joelho*) (carta 186) no ALERS. A palavra *rótula* é originária do latim *rotŭla*, que significa rodinha (Houaiss; Villar, 2001). A palavra *pataca* significa moeda antiga de prata, do valor de 320 réis, oriunda do século XVI (Cunha, 1986). Há também o referente *terçol* que apresenta a lexia *terçol/treçol* (carta 32) no ALAM e *viúva/viuvinha/entreçol/interçol* (carta 201) no ALERS. A palavra *terçol* vem de uma etimologia popular interpretada como *torce olho* e significa pequeno abscesso no bordo das pálpebras, proveniente do ano de 1813 (Houaiss; Villar, 2001; Cunha, 1986). A palavra *viúva* designa popularmente um hordéolo externo, um pequeno abscesso que ocorre na borda das pálpebras causado pela inflamação dos folículos ciliares. Porém, não foi encontrado registro algum em Cunha (1986) e em Houaiss e Villar (2001).

Outro exemplo nesse campo semântico é o do referente *cataraca/meleca*, no qual temos *bostela* (carta 34) no ALAM e *tatu* (carta 204) no ALERS. A palavra *bostela* significa pequena ferida com crosta, pústula. No século XIV era falado *bustella*. É originária do latim vulgar *pŭstella*, de *pustŭla* (*pústula*, *bolha*), com troca do sufixo (CUNHA, 1986). A palavra *tatu* parece designar popularmente no Sul a sujeira dura que se tira do nariz com o dedo, apesar de não haver registro algum da palavra em Cunha (1986) e em Houaiss e Villar (2001). Temos ainda o referente *cecê* que apresenta a lexia *cecê* (carta 39) no ALAM e a lexia *asa/catinga* (carta 216) no ALERS. A palavra *cecê* foi criada a partir da redução da palavra *cheiro de corpo*, popularizada no início da década de 1940 pela publicidade de um sabonete desodorante (HOUAISS, VILLAR, 2001). A palavra *asa* significa odor desagradável das axilas e é falada no Rio Grande do Sul (HOUAISS, VILLAR, 2001). A palavra *catinga* significa cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo e provém do ano

de 1813. É de origem incerta, porém talvez se relacione com caatinga. Também pode estar relacionada com a palavra do tupi *kati* que significa odor pesado (HOUAISS, VILLAR, 2001; CUNHA, 1986).

Para o campo semântico relações familiares/ciclos da vida, temos o referente curumin/menino que no ALAM aparece com a lexia *garoto* (carta 41) e no ALERS com as lexias *guri* e *piá* (carta 270). A palavra *garoto* significa menino ou rapazote e é de origem incerta. É relacionado ao francês "*gars*", do século XII rapaz, do francês "*garçom*", seguido do sufixo diminutivo *-oto* (HOUAISS, VILLAR, 2001). A palavra *guri* é de origem tupi *üi'ri* que significa bagre novo e, por extensão, criança (CUNHA, 1986). A palavra *piá* em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul significa, nas estâncias, peão menor de idade que não é de raça branca ou menino mestiço de indígena com branco (HOUAISS, VILLAR, 2001). Para o campo semântico alimentação e saúde/alimentação e cozinha, temos o referente *porronca/cigarro de palha* com a lexia *porronca* (carta 51) no ALAM e *palheiro* (carta 352) no ALERS. A palavra *porronca* designa resto de cigarro, porém não foi encontrado registro algum em Cunha (1986) e em Houaiss e Villar (2001), embora o termo tenha sido apresentado como a popular bituca de cigarro. A palavra *palheiro* significa depósito de palha, palhoça, cigarro de palha, no nordeste o interstino, armazém de madeira em que certos salineiros guardam a produção das salinas (HOUAISS, VILLAR, 2001).

Outro exemplo nesse campo é o referente *bagana/toco de cigarro* o qual no ALAM aparece a lexia *bagana* (carta 52) e no ALERS aparece a lexia *toco (de cigarro)/xepa/xerpa* (carta 353). A palavra *bagana* significa ponta de cigarro, charuto ou baseado, depois de fumado; guimba; cigarro feito com tabaco ordinário; comida de má qualidade; coisa de pouco ou nenhum valor; bagatela; bolo de tabuleiro. Apresenta etimologia de origem obscura, podendo ligar-se a *bag* ou a *bago* (HOUAISS, VILLAR, 2001). A palavra *xepa* significa comida servida em quartel; sobra de alimento, resto de comida não consumida; papel velho e já utilizado, recolhido com o objetivo de venda para a reciclagem em fábrica de celulose; cada uma das últimas mercadorias expostas em uma feira livre, geralmente mais baratas e de menor qualidade; sobra de alimento não vendido ao término de feira ou mercado, recolhido ou pechinchado por consumidores; o mesmo que *guimba* (HOUAISS, VILLAR, 2001).

No campo semântico relações sociais/ciclos da vida o referente *xará* apresenta a lexia *xará* (carta 75) no ALAM e *tocaio* (carta 292) no ALERS. A palavra *xará* significa pessoa que tem o mesmo nome e

provém do tupi **ša'ra*, de *še rera* (meu nome) de 1899 (Houaiss; Villar, 2001). A palavra *tocaio* de 1881 significa *xará* e provém do castelhano *tocayo* (CUNHA, 1986). No campo semântico brinquedos e jogos infantis/festas e divertimentos, temos o referente *estilingue* com a lexia *baladeira* (carta 78) no ALAM e *bodoque* (carta 303) no ALERS. A palavra *baladeira* é o mesmo que atiradeira e provém do século XX (CUNHA, 1986). A palavra *bodoque* de 1813 significa arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas etc. (CUNHA, 1986). Temos ainda o referente *macaca* que aparece no ALAM como *macaca* (carta 82) e no ALERS como *amarelinha* (carta 311). A palavra *macaca* significa jogo de amarelinha no Norte, é sinônimo de amarelinha, chicote, gripe e urucubaca (HOUAISS, VILLAR, 2001). A palavra *amarelinha* significa brincadeira infantil que consiste em saltar em uma só perna casa a casa. Proveniente de 1677, é um jogo em que se usa um fragmento de madeira ou pedra pequena para jogar em uma figura riscada no chão, amarelinha por etimologia popular deu origem a forma portuguesa amarela a que se acrescentou o sufixo *-inha* por afetividade (HOUAISS, VILLAR, 2001).

4. Considerações finais

Diante do que foi exposto neste trabalho, podemos observar que o Brasil é um país que constitui um vasto campo aberto à pesquisa por seu peculiar processo de povoamento e de colonização. Constatamos ainda que o país apresenta uma língua heterogênea e com um dinamismo que lhe é próprio.

Sabemos que a riqueza da língua portuguesa é representada pela presença da variação linguística. Assim, encontramos muitas vezes diferentes lexias para um mesmo referente. O sentido dos vocábulos é construído culturalmente de acordo com a história e a colonização da região. Dessa forma, observamos vocábulos cuja origem é latina, tupi, entre outras, que foram aos poucos sendo construídos pela cultura local.

Cumpramos destacarmos a importância da Dialetologia, que utiliza como método científico a Geolinguística e que, aliada à Sociolinguística, nos permite através de suas ferramentas realizar a análise e comparação dos dados encontrados em ambos os atlas.

Salientamos a importância de mais pesquisas nessa área, ainda em fase pioneira, no intuito de descobrir maiores singularidades, de registrar os traços culturais dos vários segmentos das sociedades

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialectologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759x

estudadas e de investigar os motivos que levaram a tão disparatadas diferenças lexicais nas regiões em questão.

ANEXO

CAMPOS SEMÂNTICOS	VARIANTES/ALAM	VARIANTES/ALERS
1. A terra e os rios/Acidentes geográficos		
a) Redemoinho de água	Funil	Redemunho
	Redemoinho	Remoinho
	Rebojo	Redemoinho
	Remanso	Rodamoinho/roda-de-moinho
		Sumidor
		Remanso/remanse/romanso da água
		Foge/forge/fojo(a)/fugidor
		Ressorjo (de água)/ressor
2. Fenômenos Atmosféricos		
a) Redemoinho de vento	Redemoinho	Redemunho
	Furacão	Remoinho
		Redemoinho/remunho/reminho
		Roda-moinho/roda-munho
		Rodemunho/rodemoinho
b) Raio	Raio	Raio/Ralho
	Corisco	Corisco
	Faísca	Relâmpago/relampo
		Faísca (do raio)
		Mandado (de Deus)
		Fuzilo
c) Garoa	Chuvisco	Garoa
	Sereno	Garua/Garuva
	Chuva fraca/chuva miúda/chuva fina	Chuvisqueiro/chuvisco
	Garoa	Librina/lebrina
	Neblina	Chuva mansa/fina/calma/leve/leviana
	Chuva de molhar besta	aguaceiro
	Neve	
	Chuvinha	
	Chuva fria	
	Chuva de viúva	

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759x

d) Arco-íris	Arco-íris	Arco-íris/arco-íri
		Alco-íris/alco-íri
		Arco de velho/arco da/de velha
		Arco-ílis/arco-íli
		Arco-írio/arcoil/árquil/alco-iro/arquis/
		arco-ísio/arquir
e) Orvalho	Sereno	Orvalho
	Orvalho	Sereno (da manhã/noite)
	Neblina	Cerração
	Serenado	Orvalhada
		Serenada (o)
f) Nevoeiro	Neve	Cerração
	Cerração	Neblina/nebrina
	Neblina	Leblina/Lebrina/Librina
	Sereno	Nevoeiro
	Nevoada	
	Poeira	
	Nevoeiro	
	Orvalho	
	Garoa	
3. Características físicas/Corpo Humano		
a) Pomo-de-adão	Gogó-(do-pirão)/(do-pescoço)	Gogó
	Garganta	Nó
	Nó (na goela)	Caroço
	Maçã	Pomo-de-(Adão)
	Goela	Gargalo
	Laringe	Papo
	Gorongá	
	Castanha	

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759x

b) Rótula	Rótula(o)	Pataca (do joelho)
	Bolacha	Patacão (do joelho)
	Rota	Tramela (do joelho)
	Pratinho	Rótula (do joelho)
	Joelho	Chicochoelo
	Bolachinha-do-joelho	Joelho
	Bacia-do-joelho	Bolacha (do joelho)
		Tampa (do joelho)
		Menisco
		Buceta do joelho
		Batata do joelho
c) Dentes do siso	Dentiqueiro	(Dente do) siso
	Queiro	(Dente do) juízo
	Queixal	
	Dente-do-juízo	
	Siso	
	Dental	
d) Dentes molares	Queixal	(Dente do) queixal
	Queixais	Molar
	Molares	(Dente) chato
		(Dente) de trás
		Maxilar
		Pilão
e) Terçol	Terçol	Viúva/viuvinha
	Treçol	viúvo/viuvinho
	Treçol	entreçol
	Teiçol	interçol
		treçol
		terçol
f) Cataraca/Meleca	Cataraca	Tatu
	Bostela	Ranho (seco)/ranheiro
	Meleca(s)	Cera (do nariz)
	Sujeira	Catarro (seco)
	Cera do nariz	Sujeira
	Cacas	Meleca
	Caraca	Tutano
		Rato/ratão
		Muco (seco)

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialetoлогия e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759x

g) Perneta	Aleijado	Perneta
	Perneta	Aleijado
	Saci	Manco
	Coxo	Ter uma perna só
	Só uma perna	Maneta
	Coxó	Rengo (de uma perna)
	Cotó	Pitoco
	Deficiente	Capenga
h) Manco	Aleijado	Manco
	Coxo	Manquitola
	Coxó	Lunanco
	Manco	Rengo
	Zambeta	Capenga
	Uma perna	Aleijado
	Tengo	Coxo
	Manqueja	Nafo/náfeco
	Coxinho	Perneta
	Caxinga	Manquitola
i) Axila/Sovaco	Não foi possível comparar; no ALERS há uma carta fonética em vez de lexical.	
j) Cecê	Cecê	Cheiro nas axilas
	Sovaquinho/sovacão	Asa
	Catinga	Catinga
	Porquinho	(Cheiro de/cheirar) sovaco
	Mal-cheiro	Sovaco
	Pitiú	Fedor
	Inhaca	Chulé (do braço)
	Gambá	
4. Relações familiares/Ciclos da Vida		
a) Curumin/menino (outras designações)	Garoto	Guri
	Menino	Gurizinho
	Curumin	Gurizote
	Moço	Piá/piazote/piazinho/piazito
	Menininho	Menino
		Garoto/garotinho
		Moleque
		Rapaz/rapazinho

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759x

5. Alimentação e Saúde/Alimentação e Cozinha		
a) Bêbado	Beberrão/bêbado/bebedor	Bêbado (designações)
	Pé-inchado	Bêbado
	Alcoolatra/alcoolico	Beberrão
	Cachaceiro	Pinguço
	Embregado	Cachaceiro
	Pé-de-cana	Pau-d'água
	Pinguça	Borracho
	Bebo	
b) Porrõca/Cigarro de Palha	Porrõca	Palheiro
	Tabacão/tabaco	(Cigarro) crioulo
	Charutão/charuto	Cigarro de Palha
	Cigarro	Charuto
	Cigarro de tabaco	Baiano
	Tabacá	
	Fazer uma linha	
	Cigarro de palha	
	Cigarro de onça	
	cigarro de moer	
	Brejeiro	
c) Bagana/Topo de cigarro	Bagana	Topo (de cigarro)
	Ponta (de cigarro)	Xepa/xerpa
	Binho	Bituca
	Cortiça	Bagana
	Bagulho	Ponta (de cigarro)
	Bagaçõ	Pitoco
6. Habitação		
a) Ferrolho/Sistemas de fechar a porta: tranca	Fechadura	Tranca
	Chave	Trinco
	Ferrolho	Trinque
	Trancadura	Fechadura
	Tranca	Trava
		Travessa
7. Vestuário e Calçados/Vestuário		
a) Sutiã	Sutiã	Sutiã/sutião
	Corpete	Sutiem
		Sutim
		Corpinho/Corpim

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759x

8.Crenças, superstições e lendas/Religião e crenças		
a) Diabo	Diabo	Demônio
	Satanás	Satanás
	Cão	Capeta
	Demônio	Diabo
	Capeta	Coisa ruim
9. Relações Sociais/Ciclos da vida		
a) Prostituta	Prostituta	Putá
	Putá	Prostituta
	Rapariga	Biscate/Biscateira
	Quenga	Galinha
	Leviana	Mulher à toa
		Rapariga
		China
b) Xará	Xará	Tocaio
	Xarapim	Xará
	Xarapi	
	Xarapa	
	Xera	
	Xarapinha	
	Teu cheiro	
10.Brinquedos e Jogos infantins/Festas e Divertimentos		
a) Bolinha-de-gude	Peteca	Bolita
	Bolinha	Bolica
		Bolinha de vidro
		Bolinha de gude
		Burquinha(o)
		(Bola [inha] de) búlica
		Clica
		Bolinha de gude
		Tilica
		Peca
b) Estilingue	Baladeira	Bodoque
	Estilingue	Funda
	Balador	Estilingue
		Setra
c) Cabra-cega	Pata-cega	Gata-cega
	Caba-cega/cabra-cega	Gato-cego
	Queimado	Cobra-cega
	Pata-choca	Pata-cega
	Cego	Cabra-cega

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

d) Pira/Pega-pega	Pira	Pega-pega
	Manja	Pegador
	Pega-pega	(Brincar de) pegar
		Mãe
		Bicho/ bichinho
		Létis
		Barata
		Pique (de-cola-cola)
e) Gangorra	Balanço	Balanço
	João Galamarte	Balança
	Gangorra	Balanceadeira/balanceador
	Galamastro	Gangorra
	Barquinho	Pula-tábua
	Balancete	Pinhé
		Balango (a)
f) Macaca	Macaca	Amarelinha
	Saci	Amarelinho
		Sapata
		Sapato
		Caracol

Variantes mais frequentes ■

QUADRO 1 – Quadro Comparativo entre o ALAM e o ALERS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENHOFEN, C. V; KLASSMANN, M. S. *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- ALVAR, M. *Atlas Linguístico y etonográfico de Cantábria*. Madrid, 1995.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRANDÃO, S. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CORREA, H. C. de O. *O falar do caboclo amazonense*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1980.
- _____. O léxico do falar caboco e a cultura cabocla. *CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, Cascavel, PR, p.1-15, 2012.
- COSERIU, E. A Geografia Linguística. In: _____. *O homem e sua*

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. Dialectologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

linguagem. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

CRUZ, M. L. de C. *Atlas linguístico do Amazonas - ALAM*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUBOIS, J. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LOPE BLANCH, M. La sociolinguística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE BLANCH, M. (orgs.). *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978.

MOLLICA, M.C., BRAGA M.L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

POTTIER, B. *Linguística geral: teoria e descrição*. Trad. de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

SILVA, M. E. B. da. Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino. *Cadernos da ABF*. Vol. II, nº 01. Rio de Janeiro: I Letras UERJ, 2003. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero1/06.htm>> Acesso em: 02/08/2013.